



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do jantar em comemoração aos 50 anos da Anfavea

São Paulo-SP, 26 de junho de 2006

O Cláudio Lembo lembrou um pouco do que representa a indústria automobilística para o estado de São Paulo. E eu penso que nós estamos aqui, comemorando os 50 anos de uma empresa de um setor da indústria brasileira que, ao longo desses 50 anos, representa muito, e muito, para o Brasil.

Eu tenho uma nominata, aqui, com muitos nomes, que eu não vou ler porque senão vai demorar muito e as pessoas vieram aqui para jantar. Mas quero dizer a todos vocês da minha alegria de poder participar desta festa de 50 anos. Eu estou, desde 1969, ligado direta ou indiretamente, à indústria automobilística, mesmo nunca tendo trabalhado numa indústria automobilística, porque fiquei no Sindicato muito tempo. Pude conhecer, por conta da indústria automobilística, praticamente todos os presidentes de sindicatos que vieram depois de mim e que são da indústria automobilística. Pude negociar com vários empresários que estão aqui, que na época representavam a indústria automobilística, pelo menos uns cinco eu já encontrei aqui.

Foi com a Anfavea que nós fizemos o memorável acordo de 1978, depois das primeiras greves feitas pelos trabalhadores brasileiros. E foi com a Anfavea que eu penso que, depois, o Meneghelli, o Marinho, o Giba, o Feijó, o Vicentinho fizeram acordos que significaram paradigmas para que outras categorias fizessem acordo neste país.

Uma vez, um grupo de empresários brasileiros ficou chateado porque eu tinha dito que muitas vezes negociar com uma empresa multinacional era mais fácil do que negociar com uma empresa nacional, pela experiência que a empresa multinacional tinha de negociação, no seu país. Alguns não compreenderam, mas o fato concreto é que nesse tempo todo os melhores



acordos são feitos a partir da indústria automobilística. É a partir da indústria automobilística que nós fazemos acordos com outros setores.

A indústria automobilística tem responsabilidade direta pelo que o Brasil é hoje. Se é verdade que houve um tempo em que ela esteve acanhada, a verdade é que a indústria automobilística, hoje, é indústria de ponta, não apenas porque gera muitos empregos e produz muitos carros, porque a indústria automobilística, hoje, investe em tecnologia. Já acabou o tempo em que nós recebíamos, aqui, projetos que já tinham 10 anos de uso na Europa e estávamos usando um carro defasado, achando que era novo quando, na verdade, ele já tinha saído de moda na Europa. Hoje já temos modelos desenhados, projetados e fabricados aqui. A indústria automobilística brasileira sabe que se não houver uma competitividade na nossa engenharia nós vamos perder espaço, portanto, investir numa engenharia altamente capaz é tão importante quanto chegarmos a 3 milhões de carros.

O acordo que o Furlan acaba de assinar com a Argentina é uma demonstração de que o Mercosul veio para ficar e outros países vão se introduzir no Mercosul. E o Brasil tem muitas chances de ter oportunidade de colocar mais carros fabricados no Brasil em toda a América do Sul.

Portanto, esses 50 anos a indústria automobilística precisa comemorar, não só pela quantidade de carros que fabrica agora, mas pela qualidade dos carros que fabrica, pela capacidade de competitividade. E eu penso que não tem retorno para a indústria automobilística, cada vez mais ela vai ter que competir num mundo cada vez mais difícil. Todo mundo sabe o que representa a entrada dos chineses na indústria automobilística e, portanto, se nós quisermos ganhar a parada, vamos ter que investir, e investir muito, muito em educação, sobretudo na questão de engenharia especializada na indústria automobilística. Por isso que resolvemos fazer no ABC Paulista uma universidade tecnológica, exatamente para atender o berço onde estava ou está grande parte da indústria automobilística brasileira e dizer a vocês,



empresários, que nós temos chances que outros países não têm. Eu acho que alguns países estão chegando no limite e nós estamos começando uma nova vida.

E, dentre todos os setores aqui presentes, eu queria, de público, elogiar a nossa Petrobras. Todo mundo sabe o que aconteceu com a indústria do álcool no Brasil, todo mundo sabe o que representa, hoje, o etanol, não apenas para dentro do Brasil, mas para o mundo; todo mundo sabe da coragem da indústria automobilística de resolver produzir o flex-fuel, todo mundo sabe que foi uma ousadia que deu certo e hoje grande parte dos carros vendidos no mercado interno é, exatamente, essa opção extraordinária, e a Petrobras apresenta uma outra alternativa. Depois de anunciarmos a produção do biodiesel no Brasil enquanto combustível, porque o biodiesel, todo mundo sabe, existe no Brasil, foi descoberto em 1975 pelo professor Expedito Parente, da Universidade Federal do Ceará, mas ficou uma experiência bonita e, de vez em quando, alguém levava uma maquininha para fazer um experimento aqui, outro ali. Eu mesmo vi uns cinco experimentos do biodiesel. Foi quando nós tomamos a decisão de transformar o biodiesel em um combustível de verdade para ser utilizado pelos veículos brasileiros.

O acordo feito entre o governo e a indústria automobilística foi humilde porque pensamos em 2% até 2008 e 5% até 2013. Eu acho que a realidade vai fazer com que a gente ultrapasse essa quantidade em um tempo menor. Quando nós estávamos satisfeitos com o que o biodiesel está produzindo no Brasil hoje, gerando já 100 mil empregos no campo e várias fábricas se implantando no Brasil – na semana passada fui à cidade de Passo Fundo onde estava começando a maior fábrica de biodiesel da América Latina – eis que a Petrobras apresenta, ao Brasil e ao mundo, uma revolução que coloca o nome de H-Bio, ou seja, misturar o óleo vegetal diretamente no óleo diesel sem o processo de transesterificação que tinha no biodiesel e sair um produto, um



óleo diesel, de extrema qualidade, sem a quantidade de enxofre que tem o nosso óleo diesel.

Eu tenho feito questão, me desculpem aqui todos os empresários da indústria automobilística, mas eu tenho feito questão de ligar para os nossos parceiros no mundo inteiro. Nesses últimos 30 dias eu falei com a Ângela Merkel, na Alemanha, falei com o Tony Blair, falei com o Chirac, falei segunda-feira com o presidente Bush e, para todos, eu falo cinco minutos dos problemas que nós temos e meia hora do biodiesel, do H-Bio e do etanol, porque eu acho que nenhum país do mundo tem condições de competir, nesses combustíveis renováveis, com o Brasil. Nenhum país do mundo. Junta-se a competência da nossa indústria automobilística com um combustível novo em que a gente não vai precisar mais ficar dizendo que vai prospectar petróleo, mas a gente vai ficar dizendo que vai plantar petróleo, um hectare de petróleo, uma saca de petróleo, ou seja, é uma coisa que o mundo não está preparado e nós vamos precisar de muito tempo para convencê-lo disso.

Então, imaginem juntando a indústria automobilística com essa capacidade tecnológica que tem a Petrobras, com a qualidade da terra no Brasil, com a qualidade do sol e da chuva e com a qualidade do trabalhador brasileiro, imaginem no que nós podemos transformar este país. É por isso não há espaço para chorar. Tem hora que a gente chora porque falta uma coisa, na outra a gente chora porque falta outra. O dado concreto é que nós temos que pensar que, com todas as reclamações com que nós vivemos, a indústria automobilística brasileira é uma indústria vitoriosa por produzir 2 milhões e 600 mil carros por ano, podendo chegar a 3 milhões, podendo aumentar as exportações. E porque há uma torcida cambial aqui inimaginável. E todos vocês sabem que, ao mesmo tempo em que todo mundo quer uma melhora no câmbio, e nós sabemos que ele não pode ser feito por decreto nem por medida provisória, ele tem que ser regulado exatamente pelo mercado, e nós vamos



tratar de trabalhar para que isso aconteça, aí nós estaremos atingindo um momento extraordinário.

Por isso, meus parabéns Rogélio, meus parabéns aos empresários da indústria automobilística, às revendedoras, às empresas de autopeças. Eu penso que o Brasil tem motivos de sobra para em qualquer lugar do mundo, mesmo dentro de uma fábrica automobilística na Suécia, nos Estados Unidos ou no Japão, nós temos motivo de sobra para nos orgulharmos da nossa indústria automobilística. Juscelino cumpriu o seu papel quando teve a visão. Cabe a nós agora continuar cumprindo o nosso papel, permitindo que as futuras gerações tenham tanto orgulho de nós como hoje nós temos de Juscelino.

Meus parabéns à indústria automobilística!